UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

MARATONA INTERDISCIPLINAR*

"O QUE É PRODUZIR CONHECIMENTO"

Coordenação do evento: Conselho Departamental da Faculdade de LACCE

I - A UNIVERSIDADE COMO FONTE CRIADORA DE CONHECIMENTO

Marco Antônio Guerra **

Paula de Vicenzo F. Belfort Mattos ***

Coube-nos a honra e a responsabilidade de iniciar esta Maratona e, para tal, eu e a prof.a Paula escolhemos o tema "*A universidade como fonte criadora de conhecimento*". Nós vamos abordar o assunto sob pontos de vista complementares e em continuidade. Eu vou tentar dizer algumas coisas mais teóricas (parte 1), colocar alguns pontos sobre como nós imaginamos que a universidade possa ser uma fonte criadora de conhecimento que não seja somente o conhecimento de aula, ou seja, o conhecimento didático e, a seguir, a prof.a Paula dará continuidade ao assunto expondo a proposta de um projeto de pesquisa interdisciplinar (parte 2).

Parte 1 (Marco Antônio Guerra)

Como primeira premissa, nós diríamos que a universidade pode ser uma fonte produtora de conhecimento, de valor acadêmico e social, capaz de gerar quadros que atuem efetivamente na realidade. Isto significa que nós pensamos a universidade não como algo isolado, fechada em si própria e produzindo conhecimentos puramente acadêmicos que digam respeito só a ela, mas como algo ligado ao meio social; e, desta forma, todo o conhecimento aí produzido deve ter um valor ou uma dimensão social e deve ter uma resposta ou uma direção para a comunidade na qual a universidade se insere. Então, é lógico, isso demanda uma infra-estrutura básica como bibliotecas, aparelhagem necessária para o campo de pesquisa e um campo de desenvolvimento a orientar ou direcionar o potencial de seus pesquisadores.

O conhecimento acadêmico fechado em si próprio, tende a ser um conhecimento estéril e, como tal, acaba se transformando num ritual de passagem, burocrático na carreira do professor que faz uma tese, depois outra, e depois ainda outra; com isso, ele tem uma ascensão em sua carreira, e a coisa pára um pouco por aí. No momento em que a Universidade São Judas está se propondo a criar um centro de pesquisas científicas urge que questionemos esta realidade, para que tal não ocorra aqui, isto é, para que este centro não venha a ser algo simplesmente a servir para as carreiras docentes, mas sim que promova pesquisas de valor mais amplo; a pesquisa só tem sentido quando extravasa da universidade. Por exemplo, na área de educação e eu me sinto bastante à vontade em adentrar este terreno, posto que o nosso curso é a Educação Artística e a nossa área é um pouco a arte-educação, pois bem: a pesquisa pode se reverter num projeto a ser aplicado em escolas. Existe um núcleo ligado à educação, preocupado com os processos educacionais, com estratégias de educação; esse núcleo pode, por exemplo, criar, na universidade, uma classe experimental usando alunos da rede oficial das escolas que estão ao nosso redor, e desta forma criar uma classe experimental na qual se possam testar métodos, técnicas e estratégias e aferir uma série de condições. Este é um exemplo no qual eu estou admitindo a possibilidade de se ativar um núcleo pedagógico, numa

* Evento realizado em 20/5/95, em dois anfiteatros da USJT, das 8 às 18 horas, no qual foram proferidas 40 palestras, por professores da área de LACCE, cinco das quais são aqui apresentadas.

** Professor de *Evolução das Técnicas de Representação Gráfica*, *Evolução das Artes Visuais* e *Evolução das Técnicas do Teatro e da Dança* da USJT. Professor da pós-graduação da USJT.

*** Professora de *Evolução das Artes Visuais* da USJT.

prática a partir desse testar e, dessa forma, verificar se as coisas funcionam na prática e trazer ou oferecer esses projetos para escolas de primeiro ou segundo graus.

Um dado relevante e importante, para todos os que pensam em pesquisa, é o do subsídio e do financiamento. É fundamental que toda a universidade que se proponha a trabalhar com pesquisas tenha isso em mente: que ela precisará de subsídios e de financiamentos, porque pesquisa demanda tempo, demanda gasto de material, um outro horário e uma outra dinâmica a que o professor deverá se submeter, enquanto pesquisador; daí a importância no estabelecimento de vínculos com entidades que estão voltadas para a pesquisa. Por exemplo, no caso brasileiro existem entidades como a Fapesp e o CNPq que estão trabalhando com pesquisas há longo tempo. Eu não acredito que a universidade particular consiga se impor neste campo de atuação se ela permanecer isolada, tentando fazer pesquisa sozinha. Não, ela deve estar vinculada aos centros de pesquisas e, portanto, com as outras universidades que estão desenvolvendo pesquisas tanto a nível nacional, como internacional; e os órgãos acima citados facilitam este entrosamento, ou seja, permitem essa ligação, inclusive a nível internacional. A pesquisa demanda um estudo em outros países, e isso é possível via órgãos como Fapesp, CNPq e Capes. Eu vejo um pouco isso graças à experiência que nós temos na Universidade de São Paulo com esse tipo de trabalho com essas entidades.

Eu acredito que uma pesquisa só poderá existir se nós criarmos núcleos de pesquisa em torno de um projeto. A pesquisa não deve ser uma coisa isolada. Uma pesquisa na qual eu imagino alguma coisa e resolvo fazer tudo sozinho, nada mais é que uma clara demonstração de egolatria. A pesquisa isolada não existe. A pesquisa depende de grupo e nós dependemos de outros fatores, como pessoal técnico e, muitas vezes, de outros professores. Então é impossível pensar em pesquisa sem que se tenha um núcleo vinculado a outros professores ou a um pessoal técnico.

Como seriam esses núcleos? Na verdade, eles teriam que se tornar centros de estudo. O que eu quero dizer com isso? Há o perigo de um núcleo ser eventual, ou seja, que se pense numa pesquisa, que se apresente um projeto, que se realize o projeto e... acabando-se o projeto, fecha-se o núcleo! Eu não acredito em pesquisa assim. A pesquisa deve ser um processo contínuo, portanto o núcleo deve ser a origem de centros de estudo, de áreas de estudo, em que isso seja feito constantemente. Então, se você tem um assunto pertinente àquele núcleo, o seu projeto é tocado para a frente. Eu poderia dar dois exemplos; um na área de ciências sociais: um centro de estudos africanos, no qual um grupo de professores se interessam pela África, principalmente a África de língua portuguesa; este é um centro de estudos que é contínuo, e suas reuniões não são eventuais; este centro existe. Outro exemplo: Na Escola de Comunicações e Artes foi criado um núcleo e um centro de estudo sobre telenovela. Esse projeto eu conheço bem, conheço os professores envolvidos; é um projeto que a longo prazo vai resgatar a história da telenovela, vai analisar as novelas que estão no ar. Trata-se de um trabalho longo, que vai demandar vários professores de várias áreas, e também alunos, porque trata-se de um projeto integrado. Isto é, efetivamente, um centro de pesquisa e não algo a se esfacelar em seis meses, ou um ano, com o término do projeto.

Como pensar no assunto sob ponto de vista operacional? Esse trabalho contínuo, de um centro, deve ter um coordenador e é ele quem deve responder pela preocupação na continuidade da obtenção de informações. Este coordenador não é exatamente um chefe de departamento, mas alguém que coordena um centro e, portanto, tem todos os contatos, todas as ligações, convida professores, organiza simpósios e vai apresentando os frutos do trabalho desse centro de pesquisa em reuniões onde ele delimita a área e conta também com a participação do corpo discente. Com efeito, é muito preocupante um centro de pesquisa que seja só de professores. A pesquisa deve ser aberta à comunidade universitária, e é no centro de pesquisa que se tem a grande chance de abrir esse espaço para que o aluno possa participar de um projeto que não seja só o de estar dentro da sala de aula.

É óbvio que esta participação não visa contemplar a todos os alunos. Qualquer centro de pesquisa tem um processo de seleção pelo interesse, pela capacidade do aluno, e assim por diante; mas é importante que se abra um espaço, inclusive de continuidade. Nós podemos criar um centro, mas não somos eternos. Nós temos que deixar este legado, esta continuidade; na verdade, os alunos são os seres nos quais nós de certa maneira nos reproduzimos, para quem nós passamos o nosso conhecimento. Esta integração é também importante, pois não se pode estar alienado e o nosso trabalho como pesquisador não pode estar desvinculado do nosso trabalho como professor, como meio de passar informações para os outros. Então é fundamental vincular estas pesquisas possíveis a grupos de alunos que podem trabalhar muito efetivamente. Eu vou citar novamente o exemplo da USP, em que se tem todo um sistema auxiliado por entidades como a Fapesp, de bolsas de estudo, que chamam de iniciação científica; são especificamente para alunos de graduação, que portanto vão aprender a pesquisar conosco, vão aprender o que é delimitar um campo de pesquisa, o que é levantar um material (que é todo um trabalho possível deles fazerem) o que é coletar e discutir esse material com o professor; se você coordena uma pesquisa e ainda é professor e tem que preparar as suas aulas, você tem que ter um aparato, um *"staff"* trabalhando com você.

Aquele período de pesquisa absolutamente isolada, fechada, no gabinete, "eu comigo mesmo", é ultrapassado até pela tecnologia que está aí. Então, essas foram algumas questões que nós pensamos, básicas mesmo, sobre como formar esses centros de pesquisa, e que portanto são viáveis. Nós nos detivemos um pouco naquelas questões que foram colocadas para nós, sobre se é viável ou não fazer isso na universidade particular. Acredito que sim, através desses vínculos, através de fundações. A universidade particular pode criar uma fundação de pesquisa que não tenha fins lucrativos. Mas é importante que haja essa infra-estrutura e que se perca essa mentalidade da universidade particular como um lugar onde você dá o seu módulo de aula e vai para casa, como

se o seu vínculo fosse só esse; isso dá a sensação, às vezes, de que a universidade particular é igual às escolas de primeiro e segundo graus.

A universidade particular deve estar tão aparelhada para a pesquisa quanto a universidade pública. É comum dar crédito à mitologia de que na universidade pública toda a pesquisa que se desenvolve é desinteressada, uma vez que aquilo é um órgão estatal, como se a pesquisa na universidade privada fosse ser uma pesquisa comprometida pelas relações financeiras. Isso é mito. Nas universidades públicas, em vários departamentos, existe um comprometimento forte com o meio financeiro. Basta pensar na química ou na física da USP, as quais fazem projetos para grandes empresas, ou seja, apresentam pesquisas encomendadas pelas grandes empresas. Talvez na área de humanas isso fique um pouco mais relativizado, mas, mesmo assim, as ciências sociais, volta e meia, recebem pedidos de projetos de levantamentos de pesquisa de opinião pública, comportamento de seguimentos sociais, e assim por diante. Então, fica um pouco esse mito. Mas é importante não perder de vista que sem uma infra-estrutura bem organizada, com a formação de centros, núcleos, aparelhagem, verba, pessoal, não se pode tocar pesquisa e muito menos pesquisas integradas sobre as quais a profª Paula vai falar.

Dentre a problemática que nos foi colocada, havia também a seguinte questão: Qual o segredo das universidades particulares do primeiro mundo? Seriam elas realmente universidades particulares?

De certa maneira, no primeiro mundo, que nós saibamos, não existem universidades estatais ou públicas como aqui no Brasil. O ensino superior é pago sempre. As universidades chamadas nacionais, como por exemplo as dos Estados Unidos ou do Japão, corresponderiam às nossas universidades públicas. Mesmo nestas universidades, o aluno paga. Não paga tanto como numa universidade privada, mas paga. Não há ensino gratuito total nesses países. Por quê? Porque a maneira como a universidade é encarada nesses países é muito diferente da nossa.

O título universitário, no Brasil, é a carteira profissional do indivíduo. Isso é uma herança da nossa história, da história de Portugal, onde todo o mundo era bacharel. Para você ser alguém, tinha que ser bacharel. Essa herança nós conservamos ainda hoje. Sem título universitário nós não temos campo de trabalho, não somos chamados e somos considerados pessoas não qualificadas para a vida profissional. A universidade, portanto, acaba cumprindo a função de profissionalizar o indivíduo, o que acaba mecanizando o nosso trabalho e acaba mecanizando o próprio ensino. Você sabe que deve preparar determinado indivíduo para alguma coisa profissional. Isto não existe no primeiro mundo. Lá a universidade é outra coisa, é o mundo das idéias.

Esse campo mais prático, ou mais técnico, no primeiro mundo é resolvido em outras instâncias do ensino. É suficiente lembrar que após o primeiro grau eles têm o "*high school*" que seria mais ou menos o nosso colégio. Depois eles têm o "*college*" que é uma universidade mais curta, com cursos de três, quatro anos, no máximo. Após o "*college*" eles têm a "*university*". Na "*university*" o que você vai fazer é pesquisa. É um outro mundo; é um outro mundo porque estas universidades, públicas ou não, estão totalmente vinculadas a setores da sociedade. Portanto, tudo isso se dá numa outra instância.

A bem da verdade, o que nós acabamos fazendo aqui é o "*college*" — que como todos sabem, não é o nosso colégio — e não a universidade, nesse sentido mais amplo. É possível mudar isso? Sim, é possível. É possível que as nossas universidades contenham o "*college*" e contenham também a universidade.

Era mais ou menos isso que nós tínhamos para colocar. Uma idéia teórica, pensando em possíveis caminhos para se criarem realmente centros de pesquisa efetivos numa universidade privada; e nós acreditamos que a São Judas tem estas condições. É nova, quer acertar, quer crescer na direção certa, então eu acho que é possível; corpo docente para isso, a gente tem.

Parte 2 (Paula De Vicenzo F. Belfort Mattos)

Dentro dessa idéia de centro de pesquisa, ou de como a universidade deve trabalhar esse centro de pesquisa, nós fizemos uma proposta. O que seria um centro de pesquisa dentro da arte? E por que da arte? A arte é um elemento que propicia o levantamento de inúmeras questões a serem pesquisadas, e isto acontece porque ela está presente em todas as atividades humanas, desde o início dos tempos, desde as manifestações do homem na caverna. Desde as primeiras manifestações do homem já existe alguma coisa ligada com uma representação expressiva.

Nós podemos entender as artes como todas as manifestações expressivas, gráficas ou orais, feitas pelo homem. Ela vai acompanhar todas as inovações e também as alterações tecnológicas, sociológicas, religiosas, ideológicas, econômicas, governamentais, e também políticas, de uma região e de um período. Em todos esses momentos e em todas essas situações, ela acaba de alguma forma se adaptando ou interferindo. Ela se liga também às mais diversas áreas profissionais existentes.

A arte está diretamente ligada à arquitetura, e a didática também se utiliza da arte, assim como a medicina e até mesmo a psicologia. Na psicologia, por exemplo, existem vários testes que revelam a grandeza de informações presentes na representação expressiva do indivíduo. Na medicina, o desenho detalhado de um músculo ensina mais do que a fotografia desse mesmo músculo. São manifestações artísticas que podem estar auxiliando outras áreas. Também é do conhecimento de todos os presentes o modo como a arte pode influir na educação, haja visto todo esse trabalho que nós já temos desenvolvido e publicado sobre arte-educação. Então, trata-se de uma atividade que todos conhecem, qual seja, a forma como a arte e a educação caminham diretamente juntas.

Essas intervenções de que a arte é capaz, ocorrem a partir das suas mais diversificadas formas de expressão. Podemos ver a arte no desenho, na pintura, na gravura em metal, na xilogravura, na calcogravura, na escultura, em instalações, em fotografias, no cinema, no teatro, na arquitetura, no desenho industrial e na comunicação visual;

ou seja, existem vários meios pelos quais essa arte se comunica, pelos quais ela passa a se integrar às demais áreas; e cada uma dessas áreas conta com uma evolução própria, apesar de se ligar às demais. Todas estão ligadas, mas cada uma tem o seu momento de nascimento e a sua forma de evolução. A história da arte vai estar exatamente fazendo essa leitura, de como essas artes evoluem, e a ligação entre elas. Desta forma, a história da arte, quando analisa todas essas formas pelas quais a arte se manifesta, nos auxilia no entendimento das relações e evoluções presentes na sociedade de hoje.

Num único momento da história da arte ela gera inúmeras discussões em seu torno que vão desde a forma plástica, como ela se manifesta, até os ideais de construção, elaboração e de funcionalidade da mesma. Então, dentro de um único período, de um único momento da história da arte, a gente tem não só um aparato técnico, uma função que esse elemento possui, como toda uma idéia por trás disso. Por essas razões, nós vemos a necessidade de projetos que envolvam o estudo da história da arte.

A história da arte é uma área na qual só existe uma faculdade, uma graduação em história da arte, no Rio de Janeiro. Aqui em São Paulo nós temos na FAAP um curso de especialização em história da arte, que é um curso que segue uma ordem cronológica, um curso que é dado uma vez por semana, em dois anos e meio. Então é uma coisa fragmentada, uma coisa em que acaba não havendo uma unidade, uma preocupação de se estar desenvolvendo uma pesquisa, mas simplesmente de se estar passando um curso de especialização no assunto. Na São Judas, hoje, dentro dos cursos da área de artes, a história da arte participa com uma pequena parcela. Em alguns cursos nós percebemos que essa história da arte deveria estar mais presente, deveria ter um espaço maior, para estar havendo uma integração maior de todo o assunto; aí nós fizemos uma proposta de um projeto que acreditamos seja viável e que poderia ser desenvolvido dentro da Universidade São Judas Tadeu. Um projeto que envolve a participação interdisciplinar. Nós fizemos uma proposta de estudo sobre o ART-DECÔ no Brasil. Seria, então, uma proposta de um projeto de pesquisa para estarmos começando, dando início a esse centro de pesquisa. Com isso nós pretendemos aqui colocar o que seria necessário haver dentro de uma universidade particular.

O ART-DECÔ é um estilo arquitetônico e decorativo que esteve presente no início do século XX em nosso país. Foi chamado por alguns de futurismo e é a estética que introduz o aprimoramento das formas à produção industrial. Ele teve origem na Europa e se difundiu pelo mundo, marcando em arquitetura uma linguagem adequada ao uso do concreto armado e, nas artes decorativas em geral, a plasticidade de formas geométricas, tratando, sem rebuscamento, e atingindo o seu ideal estético de clareza das formas e de coerência estrutural. Existe pouca coisa pesquisada sobre o assunto ART-DECÔ, poucos elementos publicados sobre o assunto. Não existe nenhum livro específico sobre o ART-DECÔ no Brasil. Nós vamos encontrar o ART-DECÔ fazendo parte de capítulos de alguns livros. Na bibliografia internacional nós temos alguns elementos, mas um levantamento da produção desse elemento ART-DECÔ no Brasil é realmente uma coisa deficitária. Existe uma publicação de um levantamento de elementos arquitetônicos do ART-DECÔ no Rio de Janeiro, mas a gente sabe que o ART-DECÔ vai além das manifestações arquitetônicas.

A proposta que nós fazemos seria a de criar um centro de estudos sobre o ART-DECÔ, que poderia começar com um levantamento desse ART-DECÔ em São Paulo e se estender para outros estados e outras regiões do país, verificar como ele penetrou, se ele teve essa participação, como ele foi assimilado dentro do nosso país. Então a pesquisa sobre o ART-DECÔ tem por objetivo entender a estética do início do século XX, como esta se formou e quais os elementos que compreende, assim como sua penetração e difusão no Brasil. Então, em termos de exemplo, essa seria uma proposta dentro da área de arte, visto que a arte abrange tantas áreas diferenciadas; seria uma proposta de pesquisa a ser desenvolvida.

Discussão

Marco: Completando o que a Paula disse, quando nós pensamos neste projeto surgiu um questionamento: Por que ele é interdisciplinar? O projeto é interdisciplinar porque não depende única e exclusivamente de um professor de história da arte. É um projeto a envolver toda uma equipe, na qual teríamos arquitetos, historiadores, sociólogos, escultores, pessoal ligado a letras, posto que há todo um caminho literário no início do século a ser discutido e a ser visto; em síntese, envolveria todas essas áreas, seria realmente interdisciplinar. O pessoal do *design* muito poderia enriquecer o projeto, visto que é nessa área que se está começando a pensar o desenho, os primeiros protótipos, ou desenhos ou formas industrializadas, produzidas em série, e assim por diante. Como vêem, trata-se de um trabalho que um historiador da arte, se quisesse fazer uma pesquisa realmente ampla e séria, faria sozinho; se nós dois fôssemos executar esta tarefa, nós faríamos um recorte muito menor, isolaríamos demais esse objeto de estudo, ao passo que, envolvendo todas essas outras áreas, torna-se possível abordá-lo de maneira bem mais ampla. Quando a Paula se refere a São Paulo, e depois Brasil, fica implícita a ligação com possíveis centros de estudo ou núcleos de pesquisa de outras universidades, em outros estados, intercambiando conhecimentos. Desta forma, nós poderíamos mandar um professor ao local, um professor desta universidade a nível de pesquisador. São todos esses os caminhos que a pesquisa tem e, como se pode notar, trata-se de uma pesquisa de integração muito mais ampla, não seria somente relativa à história da arte. A história da arte seria simplesmente o fulcro, a espinha dorsal em torno da qual toda essa outra pesquisa poderia se dar, envolvendo todo esse material humano. Isto é perfeitamente possível.

A Paula lembrou também os poucos cursos que existem. Seria bom dizer também que a São Judas iniciou este ano o pós-graduação em artes, que também é um caminho no qual pensar. Esperamos que dali, de dentro da nossa pós-graduação, possam sair linhas de pesquisas ou núcleos de centros de estudo, em que até o material humano, que é o aluno pós-graduando, já é um material

propício para se trabalhar numa pesquisa, fazer parte de uma equipe de pesquisa. Este aluno já tem outro interesse, já está num outro estágio e está se preparando para fazer posteriormente uma monografia, ou escrever alguma coisa sobre um assunto. Por que não participar desse centro? Então, a pós-graduação da São Judas pode ser uma porta para que se criem estas áreas de estudo específicas e centros de estudos.

Paula: E estes centros ajudariam para que se efetivasse a idéia de criar uma pós-graduação "stricto sensu" na São Judas que, pelo que sabemos, é a idéia atual, a idéia presente dentro da universidade: que esse curso de pós-graduação "stricto sensu" realmente se efetive.

Marco: Nós queremos deixar claro que "stricto sensu" e "lato sensu" são ambos importantes, e um não invalida o outro, pois atendem a públicos diferentes. O aluno que busca um curso de pós-graduação "stricto sensu" tem um objetivo e uma visão de mundo, ou de carreira, um caminho. O caminho do "lato sensu" é outro. Hoje a São Judas tem "lato sensu", que atende determinado tipo de aluno que vem, faz o curso, amplia seus conhecimentos, mas não precisa necessariamente ser um aluno preparado para entender uma tese. Nem todo o mundo é. Nem todo o mundo vai ser bom pesquisador. Então, inclusive para melhorar o nível dos trabalhos de pesquisa científica é que isso existe. No caso do "stricto sensu" a seleção é mais rigorosa, e os alunos que o procuram, realmente vão estar mais adequados a isso. O "lato sensu" pode realmente ampliar a área de conhecimento de uma pessoa, sem necessariamente pretender que ela faça o percurso da pesquisa científica. O importante é perceber que um não invalida o outro. Não queremos criar o "stricto sensu" para que o "lato sensu" desapareça. O "stricto sensu" seria um campo a mais, a complementar o já existente.